



Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

JÉSSICA FERREIRA LÔBO

**"SE EU JÁ CHEGUEI ATÉ AQUI, EU VOU CHEGAR ATÉ O
FINAL": PERSPECTIVAS DA PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA**

SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BAHIA

2022

JÉSSICA FERREIRA LÔBO

**"SE EU JÁ CHEGUEI ATÉ AQUI, EU VOU CHEGAR ATÉ O
FINAL": PERSPECTIVAS DA PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do título de Bacharela em Psicologia.

Professora orientadora: Dra. Rita de Cássia Nascimento Leite.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BAHIA

2022

JÉSSICA FERREIRA LÓBO

**"SE EU JÁ CHEGUEI ATÉ AQUI, EU VOU CHEGAR ATÉ
O FINAL": PERSPECTIVAS DA PERMANÊNCIA
UNIVERSITÁRIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do título de Bacharela em Psicologia, sob orientação da Profa. Dra. Rita de Cássia Nascimento.

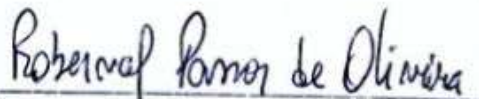
Aprovado em 29 de junho de 2022



Profa. Dra. Rita de Cássia Nascimento Leite (Orientadora)
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Prof. Dra. Josineide Vieira Alves
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Prof. Dr. Roberval Passos de Oliveira
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Santo Antonio de Jesus, Bahia

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar aspectos que contribuem para a permanência de estudantes de camadas populares no *campus* de uma universidade pública federal. Para tanto, foram realizadas entrevistas com cinco discentes, que foram assistidas em um projeto de extensão que atende ingressantes na universidade, com a finalidade de identificar e analisar, a partir das experiências relatadas, fatores envolvidos na permanência das estudantes, estratégias utilizadas por elas para permanecer e possíveis interações entre a intenção de desistir e de continuar seus cursos. Os relatos apontaram que o intento de desistência e permanência podem se entrelaçar, a todo momento, durante a trajetória de estudantes de camadas populares num curso universitário e que fatores institucionais, pessoais e coletivos podem ser fundamentais para a promoção da permanência.

Palavras-chave: permanência universitária; ensino superior público; políticas institucionais.

"Se eu já cheguei até aqui, eu vou chegar até o final": perspectivas da permanência universitária

Jéssica Ferreira Lôbo¹

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, BA, Brasil.

Introdução

As instituições de ensino superior, sobretudo as públicas, fazem parte de um contexto político, social, cultural e se constituem como espaços de promoção de debates críticos que contribuem para o planejamento de novos projetos de sociedade. Assim, o que conhecemos por universidade está para além de ser um espaço dedicado apenas à formação técnica e profissional.

As primeiras universidades brasileiras datam de um período de crescente industrialização ocorrida no século XIX, em que grande parte da população passou a se aglomerar nos centros urbanos em busca de melhores condições de trabalho, demandando, cada vez, mais novos projetos educacionais (CACETE, 2014). Sendo assim, foi a partir da união de faculdades e institutos já existentes em grandes cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo, que as universidades foram se constituindo (PEREIRA; REIS, 2020).

O cenário vigente na época carregava fortes resquícios colonialistas e o acesso a um curso de ensino superior era apenas para os pertencentes à elite brasileira. Foi somente no final dos anos 1980, diante da constante luta de movimentos sociais, dentre eles os estudantis, e com a consagração da educação como um direito social de todas as pessoas por meio da Constituição Federal de 1988, que ocorreram os primeiros avanços em direção à democratização do ensino superior brasileiro (SOUZA; COSTA, 2020).

Entretanto, apesar dos avanços constitucionais, o cenário político marcado por crises econômicas e a alta concentração de renda em posse de uma pequena parcela da população, enfraqueceram ainda mais a relação das instituições públicas com a população criando condições para as propostas de privatização das universidades e mercadorização do ensino (PEREIRA; REIS, 2020). Ao mesmo tempo, a universidade foi sendo direcionada para uma

¹ Graduanda em Psicologia pela UFRB

prática de ensino técnico voltado para formação de profissionais para o mercado de trabalho, para a produtividade e com pouco espaço para a fomentação de discussões críticas.

Foi em 2003, durante a vigência do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que o cenário apresentou mudanças. O Estado foi protagonista na criação de políticas de reforma educacionais e implementou políticas públicas de expansão no ensino superior. Dentre as iniciativas, destacam-se a criação e organização do Programa Universidade para Todos (ProUni), a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) (PEREIRA; REIS, 2020).

Com o estabelecimento do REUNI em 2007, que permitiu a ampliação do número de vagas e a proposição de outros modelos de educação, o acesso à universidade pública federal passou a ser realidade para populações que, até então, não tinham o ensino superior como perspectiva (SOUZA; COSTA, 2020). Porém, ainda que o REUNI tenha cumprido seus pressupostos iniciais de impulsionar políticas e práticas de democratização do acesso e inclusão social de pessoas de camadas populares por meio da ampliação da quantidade de vagas nos cursos de ensino superior (GANAM; PINEZI, 2021), muito ainda precisava ser feito para promover a diversificação do perfil do público universitário.

Foi a partir de 2012, com a homologação da lei de cotas, a lei 12.711, que o acesso à universidade pública começou a ser diversificado. De acordo com a lei, 50% das vagas ofertadas em processos seletivos de cursos de ensino superior, obrigatoriamente, deveriam ser destinadas a estudantes que cursaram os três anos do ensino médio em escolas da rede pública, sendo uma parte dessas vagas preenchidas por estudantes com renda familiar mensal por pessoa igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e, ainda dentro destas categorias, haveria vagas reservadas para pessoas autodeclaradas pretas, pardas, indígenas e pessoas com deficiência (PEREIRA; REIS, 2020). Vale ressaltar também o Programa Expandir, desenvolvido pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (MEC) e vinculado ao REUNI, que garantiu a expansão e interiorização de *campi* de universidades federais em diversas regiões do Brasil (MICHELOTTO; COELHO; ZAINKO, 2006, p. 193).

Diante do estabelecimento das políticas de ações afirmativas, a entrada de estudantes de origem popular nas universidades passou a ser uma realidade cada vez mais frequente, ainda que houvesse um longo caminho a ser percorrido. Quando pessoas negras, indígenas, quilombolas, rurais, periféricas, com deficiência adentraram o ensino superior, as

universidades, que até então possuíam históricos segregacionistas, precisaram adaptar-se para receber este público que, até então, não vislumbrava o ensino superior como uma realidade possível (SOUZA; SANTOS, 2017).

O relatório da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), juntamente com o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assistência Estudantil (FONAPRACE), a partir de uma pesquisa realizada em 2018 sobre o perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação nas universidades federais, mostrou as transformações ocorridas no perfil de discentes que adentraram o ensino superior. O relatório aponta que, nos últimos 15 anos, ainda que não seja maior parte do público ingressante, houve um aumento significativo da inserção de pessoas autodeclaradas pretas (de 27.693 em 2003 para 143.599 em 2018) e pardas (de 132.834 em 2003 para 470.227 em 2018) e uma tendência de crescimento da participação de discentes do gênero feminino, cisgênera² e com idade média de 24,43 anos.

De acordo com a pesquisa, 11,6% das pessoas que participaram negam a identidade cis, trazendo a possibilidade de futuros questionamentos sobre a cisnormatividade nas universidades. Há também um crescimento do percentual de discentes que se inserem na faixa de renda mensal *per capita* de até um salário mínimo e meio (de 4.143 em 2010 para 22.749 em 2018), sendo que este público é ainda mais comum na região Nordeste (46,5% em 2010 para 49,4% em 2018) (BRASIL,2018).

Quando falamos de públicos sub-representados no ensino superior se inserindo nesse novo contexto, também falamos de outras barreiras históricas a serem superadas. Para Coulon (2008), o começo da vida universitária requer adaptação aos códigos, rotinas e linguagens acadêmicas, em que cada pessoa vivencia um período inicial de estranhamento e se afilia à instituição a partir da aproximação com seu ofício de estudante. Competências que lhe permitirão fazer parte do contexto universitário, reconhecer-se como tal e obter êxito acadêmico (MEJÍAS SANDIA, 2016).

No entanto, Mendes (2020) discute que o conceito de afiliação universitária proposto por Coulon possui limitações ao não considerar as diferentes realidades de cada estudante e os impactos disso em questões de ordem pedagógica e, podemos acrescentar, de inserção que possibilite a continuidade do curso. Para a autora, Coulon deixa de reconhecer que diferentes

² "Conceito "guarda-chuva" que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando do seu nascimento" (JESUS, 2012, p. 14).

classes, raças, gêneros e nações ocupando um mesmo espaço podem ser produtoras de desigualdades materiais e simbólicas, que precisam ser consideradas pela universidade de modo a planejar políticas que diminuam tais desigualdades. Desse modo, seria necessário compreender a afiliação a partir de aspectos históricos e sociais que envolvem a presença de estudantes de camadas sociais sub-representadas, despir-se de uma visão homogeneizante do que é ser universitário e assim reconhecer, como indicam Mancovsky e Más Rocha (2019), que as experiências estudantis remetem a pontos de partida e histórias singulares diversas por parte daqueles que começam uma trajetória universitária.

Apesar das políticas e decretos para democratização do ensino superior, alguns aspectos não desaparecem apenas com o ingresso de novos perfis de estudantes. Quando quem se insere advém de camadas populares, falamos de discentes que não se encaixam no ideário de pessoas de classe média alta, homem branco, cis, por volta dos 20 anos, residentes de áreas urbanas e que realizaram todo percurso escolar em instituições particulares (GANAM; PINEZI, 2021). Esse novo perfil é constituído por pessoas que vieram de ensino público e que, por uma série de aspectos sociais e estruturais, podem demandar ainda mais esforços institucionais para permanecer.

Considerando que a falta de recursos financeiros pode ser um empecilho importante para essa permanência, implementou-se, em 2010, o Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Este programa considera a diversidade de contextos sociais que envolvem o ambiente universitário e tem por objetivo democratizar as condições de permanência de estudantes de origem popular no ensino superior, buscando minimizar os efeitos de desigualdades sociais com vistas a reduzir taxas de evasão e contribuindo para a promoção de inclusão social (BRASIL, 2010).

Por meio da PNAES, o corpo discente pode ter acesso a assistências financeiras que o auxilia com alimentação, moradia, transporte e saúde. Entretanto, apesar da alta relevância de tais contribuições para a permanência, estudos como o de Nunes e Veloso (2016) acrescentam que, para além do apoio financeiro, é essencial a discussão de outros aspectos que podem ser promotores de uma convivência positiva e de adaptação entre estudantes e seus cursos de graduação no ambiente acadêmico.

Para além das questões de ordem socioeconômicas, pode haver enquanto entrave, a não identificação com o curso, dificuldade de se adaptar à linguagem e as demandas

acadêmicas, o nível de exigência dos conteúdos ministrados e a sensação de não ter tido uma base sólida no ensino médio (THOMAZ; ROCHA; NETO, 2011).

A pesquisa do FONAPRACE (2018) também afirma que praticamente um terço dos estudantes ingressaram na universidade com pensamento de abandonar o curso. Além disso, indica que 52,8% dos estudantes das instituições federais já tiveram o mesmo pensamento. Como razões para isso, apontam as dificuldades financeiras, nível de exigência acadêmico, dificuldades para conciliar os estudos e o trabalho, dificuldades do próprio campo profissional, incompatibilidade com o curso escolhido, insatisfação com a qualidade do curso, problemas familiares e assédio, *bullying*, perseguição, discriminação e preconceito.

Nesse sentido, para Reis e Tenório (2009), há uma permanência que é de ordem material, sendo caracterizada pelas condições de subsistência de estudantes, condições de se alimentar, vestir, comprar materiais, entre outros. E há uma permanência de ordem simbólica que se refere às experiências universitárias, sobre a possibilidade de participar de atividades, da identificação com colegas, do sentimento de pertença.

Desse modo, as mudanças nos contextos acadêmicos promovidas por importantes marcos da história da educação superior no Brasil são fundamentais para a inserção de novos perfis de estudantes, mas a sua permanência requer políticas que se desdobram para além de questões financeiras. Escutar o que o alunado têm a dizer sobre sua experiência universitária, certamente, pode auxiliar as instituições de ensino superior a compreender a dinâmica da vida estudantil e os aspectos relacionados à continuidade no curso. É nessa perspectiva que a presente pesquisa teve como foco a permanência de estudantes de camadas populares no *campus* de uma universidade pública federal.

Campo da Pesquisa e Aspectos Metodológicos da Investigação

Criada em 2005 no Recôncavo da Bahia, a partir da lei 11.151 e fruto de mobilizações sociais e populares, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) conta hoje com sete Centros em seis municípios, estando sua sede localizada na cidade de Cruz das Almas.

A UFRB foi responsável pela criação da primeira Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE) do país com vistas a vincular ações

afirmativas com demandas de acesso e permanência, articulando também ensino, pesquisa e extensão.

Em síntese, a PROPAAE foi criada com o propósito de articular, formular e implementar políticas e práticas de democratização relativas ao ingresso, permanência e pós-permanência estudantil no ensino superior, de forma dialógica e articulada com vários segmentos contemplados por estas políticas, pondo em prática uma ação de co-responsabilidade e mutualidade no trato com as demandas da comunidade acadêmica (JESUS; NASCIMENTO, 2010, p.119).

O Programa de Permanência Qualificada (PPQ), ofertado pela PROPAAE, é responsável por viabilizar a concessão de auxílio financeiro para moradia, transporte, alimentação, entre outros, contribuindo para a permanência de estudantes, mesmo com cortes orçamentários significativos das universidades federais nos últimos anos. Outra forma utilizada por discentes para conseguirem suporte financeiro durante a estada na universidade é por meio da participação em projetos de pesquisa e extensão quando estes são vinculados a algum programa de bolsas.

O Centro de Ciências da Saúde, *campus* onde se deu essa pesquisa, localiza-se na cidade de Santo Antonio de Jesus e oferta formação em Psicologia, Nutrição, Enfermagem, Medicina e Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS). O ingresso em tais cursos ocorre por meio do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde como primeiro ciclo da formação, através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar aspectos que contribuem para a permanência de estudantes do Centro de Ciências da Saúde (CCS), desdobrando-se nos seguintes objetivos específicos:

- Apontar fatores que dificultam a permanência de estudantes do CCS;
- Identificar estratégias utilizadas pelas estudantes para a permanência na universidade;
- Identificar possíveis interações entre a intenção de desistência e de permanência.

Durante os meses de abril e maio de 2022, foram entrevistadas cinco estudantes que foram assistidas em um projeto de extensão do CCS que atende ingressantes (1º ao 4º semestre) com vistas a auxiliá-los em seu processo de afiliação à vida acadêmica e do qual fiz

parte como extensionista³. Todas ingressaram na universidade através do processo seletivo por cotas e estudaram integralmente o ensino fundamental e médio em escolas públicas.

Aisha, 26 anos, estudante do quarto semestre do BIS com terminalidade em Psicologia, autodeclarada preta, mudou-se para Santo Antônio de Jesus para estudar e residia na casa de familiares de uma amiga. A renda familiar era de R\$ 501,00 a R\$ 1000,00; recebia de auxílio da universidade o apoio pedagógico para atividades acadêmicas.

Dandara, 22 anos, estudante do quinto semestre do BIS com terminalidade em Nutrição, autodeclarada preta, mudou-se para Santo Antônio de Jesus para estudar e residia na casa de familiares. A renda familiar era de até R\$ 500,00 e estava aguardando receber auxílio da PROPAAE quando foi entrevistada.

Luana, 27 anos, estudante do sexto semestre do BIS com terminalidade em Nutrição, autodeclarada preta e residente em Santo Antônio de Jesus. Era mãe e morava com as duas filhas de cinco e nove anos. Sua renda familiar transitava entre R\$ 501,00 a R\$ 1000,00 e recebia da universidade o auxílio pecuniário de alimentação.

Neuza, 47 anos, estudante do quarto semestre do BIS com terminalidade em Psicologia, autodeclarada parda, tinha baixa visão e transitava entre sua cidade de origem e Santo Antônio de Jesus para estudar, dormindo, em algumas ocasiões, na casa de colegas. Residia com marido e um de seus dois filhos que tinham idades de 22 e 26 anos. Sua renda familiar transitava entre R\$ 1501,00 a R\$ 2000,00 e não recebia auxílio financeiro da universidade.

Núbia, 39 anos, estudante do quinto semestre do BIS com terminalidade em Psicologia, autodeclarada preta e residente em Santo Antônio de Jesus. Residia com o marido e dois filhos de 16 e 21 anos. Sua renda familiar transitava entre R\$ 1001,00 a R\$ 1500,00 e recebeu da universidade o auxílio emergencial de apoio à inclusão digital durante a pandemia.

Para realização da pesquisa, as entrevistadas assinaram um termo de consentimento livre explicitado e preencheram um questionário sociodemográfico por meio da plataforma de formulários do Google. As entrevistas foram realizadas de forma remota através da

³ A minha participação nesse projeto me fez escutar, muitas vezes, narrativas estudantis que envolviam questões referentes à permanência/desistência do curso e da formação universitária, o que despertou em mim o interesse por investigar esse fenômeno. A participação das estudantes no projeto se deu nos anos de 2019 e 2020, sendo que, neste último ano, os encontros ocorreram na modalidade remota em função da pandemia da COVID-19.

plataforma Google Meet diante do cenário de alerta sanitário instalado pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19) que ainda estava em vigor.

Realizadas as entrevistas, elas foram transcritas na íntegra e lidas repetidas vezes, visando analisar o sentido dos relatos apresentados, procurando entrelaçar aspectos em comum entre as falas, sem perder a subjetividade da vivência de cada estudante, que permitisse a sistematização de categorias. É importante ressaltar que os nomes das estudantes foram substituídos por nomes fictícios como forma de preservar a identidade de cada uma e que as suas falas apresentadas nesse artigo foram literalmente transcritas sem sofrer nenhuma alteração ou correção gramatical.

A seguir, disponho os dados organizados em categorias, que foram elaboradas a partir dos elementos trazidos pelas estudantes que permitiram responder aos objetivos da pesquisa. São elas: O ingresso; Desafios e percalços da trajetória universitária; Entre o permanecer e a intenção de desistir; O que faz permanecer.

O ingresso

As estudantes que nutriram, por muito tempo, o interesse de ingressar na universidade enfrentaram desafios na realização do sonho, sobretudo, Núbia (discente de Psicologia, 39 anos, 5º semestre) e Neuza (discente de Psicologia, 47 anos, 4º semestre) que só conseguiram ingressar depois de muitos anos após a finalização do ensino médio. Nas palavras de Neuza:

Há quase trinta anos atrás, era bem difícil, né, as coisas não eram fácil, a gente ingressar na faculdade tinha que ter condição financeira de se manter numa faculdade porque a faculdade era em Salvador, então, a gente tinha que se deslocar pra lá e aí tinha que ter dinheiro, né, condição pra poder se manter por lá.

A expansão das instituições federais de ensino superior por meio do REUNI, que aconteceu no Brasil a partir de 2007, favoreceu o acesso de estudantes que não conseguiam vislumbrar um curso universitário como uma realidade possível. Bizerril (2020) salienta que, caso os investimentos que foram destinados à criação de novos *campi* se concentrassem apenas em universidades localizadas em grandes capitais brasileiras, o número de matrículas poderia sofrer aumento, entretanto, não haveria impacto econômico, social, regional e político nos municípios que foram contemplados com a expansão. Sendo assim, mais do que falar de democratização do acesso, a interiorização das universidades impactou na dinâmica estrutural

dos municípios e favoreceu a permanência de diversos estudantes em suas regiões de origem, sem a necessidade de se deslocar para grandes centros urbanos. Foi o que aconteceu com Aisha (discente de Psicologia, 26 anos, 4º semestre), que sonhava em ser estudante em uma universidade federal e priorizou a busca por universidades localizadas na Bahia, já que os custos financeiros de ingressar em universidades de outros estados seriam maiores.

Para Luana (discente de Nutrição, 27 anos, 6º semestre) e Dandara (discente de Nutrição, 22 anos, 5º semestre) ingressar na universidade não estava nos planos. Luana relatou que a vontade surgiu após alguns anos da finalização do ensino médio, movida, principalmente, pelo desejo de provar o contrário para as pessoas do seu entorno que afirmavam que ela não entraria na universidade. Na vivência de Dandara, o que lhe proporcionou aproximação com o contexto universitário e, conseqüentemente, o desejo de realizar o ENEM, foi o programa Universidade para Todos. Como aponta Teixeira (2018), o Programa Universidade para Todos (UPT) se insere como uma ação do "Faz Universitário", que é parte integrante do Programa de Educação Tributária do Estado da Bahia (PET/BA). A UPT, assim como o Faz Universitário, tem como objetivo desenvolver ações que contribuam para a participação de estudantes de escolas públicas em vestibulares das IFES e desempenham um importante papel na diminuição das desigualdades de acesso ao ensino superior.

O processo de entrada na universidade foi descrito pelas estudantes como um momento marcante. De acordo com Teixeira et al (2008), o início das atividades acadêmicas gera certo alívio das tensões que envolvem o processo seletivo assim como traz novas mudanças que exigirão esforços para que o processo de adaptação e afiliação aconteçam.

Núbia relatou que a expectativa pelo primeiro dia na universidade lhe causou medo, principalmente, relacionado com o fato de ser uma estudante com mais idade que a média do seu grupo:

No dia eu nem dormi direito, né? Muito ansiosa. Fiquei com muito medo do que é que eu vou encarar, o é que eu vou viver, sabe? [...] quando eu cheguei aqui, que eu vi tanta gente nova, eu disse 'não, esse não é meu lugar'. E aí eu já fiquei pensando 'o que é que eu tô fazendo aqui com esse povo?' Tinha gente na minha sala que ainda ia fazer dezoito anos, eu tava com trinta e seis e eu pensava "esse povo tem idade de ser meus filhos, véi, oportunidade de ser meus filhos" e eu era a mais velha da sala e eu pensei a princípio: 'gente, o que é que eu tô fazendo aqui?'

Já para Neuza, a entrada na universidade foi triste e feliz ao mesmo tempo. Ela enfrentou algo semelhante à Núbia ao chegar na turma e encontrar "um monte de jovem, um monte de gente, de pessoas diferentes". Como tem baixa visão, enfrentou inseguranças frente às questões de acessibilidade no *campus*: "E aí, quando eu vi o monitor [eletrônico] lá, né, as letras eu não conseguia enxergar, pronto. Aí eu disse: "não vai dar pra mim não, pra eu saber onde é a sala, eu tenho que olhar para aquele monitor ali como é que eu vou fazer?". Neste momento, Neuza pensou em não voltar para a universidade no dia seguinte, mas ao decidir retornar, encontrou "pessoas maravilhosas que me deram o maior incentivo".

Aisha definiu sua entrada na universidade como "caótica", uma vez que nutria expectativas em relação à própria família que não foram alcançadas:

Por mais que eu taria realizando um sonho, eu não tive apoio das pessoas que deveriam estar me apoiando, entendeu, então foi bem complicado, fui chamada de louca, me questionaram perguntando se meu pai e minha mãe era rico. Eu achei que, tipo assim, ia ter uma mobilização da família para me ajudar a custear a minha vida aqui, e não, se não for minha mãe... Assim.. meu pai, lógico, meu pai ajuda, mas não é a mesma coisa, tipo assim, como minha mãe faz, meu pai não faz nem um terço.

Já para Dandara, um dos aspectos mais difíceis do começo do percurso universitário foi ficar distante da família:

Eu via toda semana eles em casa e depois, quando eu cheguei aqui, que eles foram embora, que eles ficaram comigo na faculdade durante a primeira aula que eu tive, e eles foram embora depois, em seguida, eu fiz assim: 'meu Deus, agora eu tô sozinha, não tenho mais mainha e painho e meu irmão'. Aí eu lembro que eu chorei, chorei, chorei, chorei naquele momento que, tipo assim, foi literalmente uma quebra de laço muito forte que eu não tava esperando.

Cervinski e Enricone (2012), na pesquisa que fizeram com estudantes recém-ingressantes, identificaram dificuldade relatada por eles em se manter longe de suas famílias de origem, sobretudo, no primeiro semestre. Para as autoras, os primeiros dias na universidade são momentos desafiadores e demandam criação de estratégias por parte de quem é estudante e da universidade para que a transição ocorra da forma mais confortável possível. Mas, ainda que o início tenha sido difícil para Dandara, tanto pela distância familiar quanto pela adaptação ao novo contexto, o sentimento de estar alcançando horizontes nunca alcançados

pela sua família, ainda perdurava. Ela contou uma situação em que esteve em Salvador quando cursava o ensino médio:

Eu parei em frente à universidade de medicina que fica lá perto do Pelourinho e eu pensava assim: 'meu Deus, será que um dia eu vou conseguir entrar na universidade? Será que eu vou conseguir passar na faculdade pública? Universidade pública?' porque condições financeiras eu não tenho pra me bancar em algo particular, e aí quando eu passei, eu fiquei 'meu Deus, eu consegui, olha onde eu estou', né, um lugar privilegiado porque, se parar bem pra observar, na minha família, poucas mulheres alcançaram isso, né?

A intensificação das políticas de acesso ao ensino superior público não só diversificou o perfil acadêmico do ingressante como também possibilitou que estudantes representassem a primeira geração da família a conseguir ingressar numa universidade (Fioreze; Stachelski e Ribeiro, 2022).

Desafios e percalços da trajetória universitária

É comum na trajetória universitária a existência de desafios a serem enfrentados. Entretanto, um atravessamento inesperado que interferiu diretamente na possibilidade de permanência de estudantes do CCS e de tantas outras universidades foi a pandemia instalada pelo novo coronavírus (COVID-19), um cenário até então desconhecido e que demandou das universidades uma reestruturação dos seus meios e métodos de ensino. A interferência foi ainda maior em se tratando de estudantes dos primeiros semestres que tinham iniciado sua vida acadêmica pouco tempo antes ou até mesmo algumas semanas antes do isolamento social ser decretado no Brasil, em março de 2020. Para Neuza, que tem baixa visão, o desafio foi ainda maior:

Eu tava preparada pra parte presencial, daqui a pouco, já tô na parte remota, e eu fiz, 'e agora como é que eu vou mexer em tantas... Como é que eu vou enxergar? Me conectar com computador com o celular... Gente, eu não sei mexer, além de não saber mexer, não saber lidar, ainda a visão e tudo, meu Deus e agora o que que eu vou fazer'?

Contudo, Neuza contou com apoio dos filhos, professores e colegas para enfrentar as barreiras existentes na modalidade remota de ensino; ela acrescentou que esse foi um momento de muito aprendizado e que colegas de turma se tornaram sua segunda família,

sobretudo, diante de percalços enfrentados com a falta de materiais acessíveis que contribuíssem para o seu aprendizado enquanto pessoa com deficiência.

Para Núbia, fez toda diferença contar com o apoio e compreensão de docentes que reduziram a quantidade de textos por aula, apesar de existirem professores que não "tavam nem aí", que dificultavam ainda mais o processo de aprendizagem, uma vez que já estava sendo atravessada pela "questão de internet caindo, era questão do espaço, era questão de ar, do cansaço físico, da dor nas costas, sabe, da mente, do medo de pegar covid". Acrescentou,

Esse processo durante a pandemia foi muito, muito difícil, assim, muito difícil. Muitas vezes, durante a pandemia, eu digo "é, não vou dar conta dessa merda não. Não vou dar conta, não vou dar conta" e pra mim não foi pior porque durante todo esse tempo eu tava tendo acompanhamento do serviço de psicologia da UFRB.

Acompanhar as aulas foi também um desafio para ela na medida em que dividia a casa com os dois filhos enquanto o marido trabalhava em outro município. Os barulhos, a demanda dos filhos por atenção e a falta de um lugar adequado para estudos também foram aspectos trazidos pela entrevistada. Enquanto as aulas ocorriam de forma presencial, Núbia passava o dia inteiro na universidade: "Às vezes, as pessoas perguntam 'e você fica o dia todo na UFRB?', e eu tenho [no CCS] um ambiente pra eu estudar, sabe, Jéssica? Aqui o barulho são outros, né, o barulho são outros".

Núbia tinha um *notebook* que quebrou no período de abertura do edital para suporte financeiro que a universidade ofereceu para contribuir com a compra de aparelhos eletrônicos para acessar as aulas, assim, ela conseguiu enviar a documentação necessária para participar do edital e foi contemplada com o auxílio, possibilitando que, com uma contribuição financeira a mais fornecida pela sua mãe, pudesse comprar outro *notebook*.

Aisha e Dandara estabeleceram um comparativo entre o modo como vivenciaram as aulas remotas e como estava sendo o retorno às atividades acadêmicas presenciais. Ambas moravam perto da universidade até o início do isolamento social quando voltaram para suas cidades de origem. Com o retorno das aulas presenciais, elas passaram a morar distante do *campus*, enfrentando o desafio de utilizar o transporte público para frequentar as aulas:

A princípio, quando eu vim pra cá, eu tinha esse conforto de morar do lado, literalmente do lado da universidade, [após o retorno presencial] me mudei pra uma casa maior, mas não ficava no mesmo bairro então, tipo assim, tá sendo

extremamente complicado tanto que pra algumas pessoas, 'ah eu queria que voltasse presencial', pra mim, eu ainda preferia tá no EAD porque essa volta pra cá, querendo ou não, tá sendo complicado, entendeu? Tipo, de ir pra faculdade, o cansaço porque, querendo ou não, bate um cansaço, eu ter que, tipo, sair duas horas antes de casa pra ir pra universidade (Aisha).

Aisha relatou com saudades que, quando as aulas aconteciam na modalidade remota, ela estava confortável por estar em sua casa e com as pessoas da família, com as atividades presenciais, perdeu tanto a oportunidade de estar com a família quanto o conforto de morar perto da universidade. Assim como Núbia, ela considerou que o processo psicoterapêutico é o que tem lhe ajudado a lidar com o retorno às aulas presenciais.

Assim como Aisha, Dandara avaliou o seu percurso universitário durante a pandemia como positivo, sendo que o retorno para Santo Antônio tem lhe apresentado desafios:

A minha permanência na universidade, de lá para cá, durante a pandemia foi tranquilo porque eu tava em casa [...], mas, em relação ao retorno que agora a gente tá aqui, eu achei, pensei por alguns dias que eu não poderia mais, eu teria que trancar porque meu pai ele ficou desempregado, ele é a única pessoa que sustenta a gente.

A minha intenção quando eu vim para Santo Antônio não era mais morar aqui onde eu tô, era ir para o centro [da cidade], e aí como é que eu vou para o centro se não tem dinheiro para pagar a casa? Como é que eu vou para o centro se não tem dinheiro para comer?

A condição financeira é variável fundamental no que diz respeito à permanência ou não de estudantes de camadas populares e foi através desta constatação que os programas de assistência estudantil surgiram como suporte com o intuito de manter as matrículas ativas (Ganam e Pinezi, 2021). Foi por meio dos auxílios financeiros oferecidos pela universidade que Dandara depositou sua esperança de continuar estudando na UFRB. No entanto, o atraso no resultado do processo seletivo lhe causou dias de tensão:

Eu falei: 'poxa, e agora? Eu vou ter que trancar', né, tanto que, no mesmo dia mandei mensagem pro meu pai explicando que provavelmente eu teria que trancar porque eu não teria condições de permanecer, né, e aí seria complicado, então, tipo assim, seria interrompendo um sonho que é estar aqui, estar na universidade, no CCS, gosto muito do CCS, gosto muito da UFRB, é um instituto que tá abraçando e me dando oportunidades, né, primeiramente por estar aqui, estar acessando esse local, o segundo

por tá me possibilitando recurso para me manter, que foi o auxílio da pandemia, né, que é o apoio pedagógico, e agora com o da alimentação pecuniária que umas duas semanas depois acabou saindo resultado pra mim e eu fui homologada, então isso me tranquilizou e eu também consegui a inscrição do pibex⁴ com bolsa, então também me tranquilizou mais ainda, muito mais, porque agora eu vou ter duas bolsas, né, um auxílio, a bolsa eu vou poder ajudar meu irmão que tá lá em Cruz das Almas e que ele também não tem bolsa e eu não sei se vai receber ainda, então aí agora essa questão da permanência pra mim faz mais sentido, porém a qualquer momento, se por acaso eu perder essa bolsa, eu não tenho como ficar até meu pai voltar a ser empregado.

Núbia, ainda que recebesse o auxílio de duzentos e noventa reais da PROPAAE, questionou-se, diversas vezes, se fez a coisa certa ao deixar o trabalho que tinha para ingressar na universidade, sendo que, por muitas vezes, se sentia mal por não contribuir financeiramente com as despesas da casa. Para Aisha, "a faculdade, ela dá recursos pra você manter, mas são recursos que não são suficientes ou são precários ou não valem a pena de... Entendeu? Então a questão financeira acaba pesando muito, assim, a permanência, de ficar". Assim, a estudante levanta a questão de que, ainda que os recursos fornecidos por meio das bolsas sejam importantes, para quem consegue a aprovação no processo seletivo, as condições materiais de sobrevivência durante a graduação ainda são mínimas ou incipientes.

Assim como a participação em atividades de ensino, pesquisa e extensão aumentam a chance de busca por bolsas e contribuem para o fortalecimento de vínculo entre estudante e universidade, há uma parcela de discentes que enfrentam barreiras na oportunidade de "viver a universidade". É o que acontece com estudantes-mães.

Luana, por ter duas filhas pequenas, trabalhava para sustentá-las e acreditava que conseguiria alcançar novos horizontes no seu percurso universitário caso não fosse ela, exclusivamente, a responsável pelo cuidado das crianças: "Filho dificulta, por exemplo, eu vi o intercâmbio agora de universidades daqui e pra fora também, pô... eu fiquei mexida, mas não posso, nem tento. Aprendizado, meu aprendizado foi bastante defasado, por interesse, por tudo também... é... distância... tem um pouquinho de tudo."

Já Neuza, que tem dois filhos já adultos e que a ajudaram a manusear as plataformas digitais durante as aulas remotas, destacou a falta de acessibilidade como uma barreira importante que interferiu na sua permanência e, ao retornar para o ensino presencial, notou

⁴ Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária da UFRB.

que a universidade ainda precisa dar passos longos para que alguns desafios que ela enfrenta sejam minimizados:

Eu acho que tem muita coisa ainda para ser bem resolvida dentro da faculdade, acho que isso aos poucos, né, a gente não pode chegar e ser tudo de vez, né, inclusive o monitor [eletrônico] tem que ser um telão porque a gente não consegue, eu mesmo não consigo ver o monitor, eu já tenho tudo já escrito porque se eu chegar lá para querer olhar o monitor eu não vou conseguir olhar entendeu? Então tem muita coisa que precisa ainda ser desenvolvido ali dentro para que a gente possa permanecer na faculdade sem nenhum transtorno, sem nenhum constrangimento.

Entre o permanecer e a intenção de desistir

Quanto à continuidade ou não da formação universitária, Luana revelou que pensava, a todo momento em desistir, constantemente se perguntava se valia a pena os anos de dedicação, se estava aprendendo como os colegas de turma e se vai conseguir um emprego assim que concluir o curso: "É como se fosse um esforço e no final você não tem certeza se vai valer a pena ou não." Mesmo permanecendo, ela ainda é acompanhada pela sensação de não pertencimento:

Não vou falar assim 'ah tem sido fácil, tá sendo aquele mundo como eu imaginei, mil maravilhas, que lugar lindo, que lugar massa'... A todo momento a universidade, olhares me falam: 'Você não é daqui'. É isso que eu sinto desde o primeiro semestre: 'Você não é daqui. Você não é para estar aqui'.

Sua fala se alinha com a discussão apresentada por Souza e Santos (2017) que, ao discorrer sobre a recente inserção de estudantes que advém de camadas populares, sobretudo, pessoas negras, quilombolas, indígenas e pertencentes a comunidades rurais e periféricas, discute que o ingresso de tais discentes não se constitui como uma tradição familiar, nem sequer como um lugar possível de se almejar, o que torna o processo de afiliação e permanência ainda mais complexo e demandante de atenção por parte da comunidade universitária.

Ganam e Pinezi (2021) argumentam que, mesmo com os esforços dedicados para incluir tal heterogeneidade por meio de políticas e práticas, a universidade ainda não alcançou um status de inclusão que promova a sensação de pertencimento para estudantes das camadas

populares. No que disseram as entrevistadas, foi possível notar a presença de processos ainda excludentes que lhe fizeram questionar a própria permanência no curso.

Dandara relatou ter tido intenção de trancar o curso por conta das condições financeiras enfrentadas pela família, assim como Núbia que pensou em desistir num momento de dificuldade também financeira, quando não teve dinheiro para pagar a viagem de ônibus da universidade até o bairro onde morava:

[...] quando eu cheguei em casa naquele dia eu não queria mais voltar não, mulher, eu não queria voltar, eu não queria voltar, sabe, eu digo: 'gente, e se eu não tô conseguindo pagar o coletivo, sabe, eu vou conseguir o resto?' [...] Foi doloroso, mas naquele dia eu pensei em desistir, assim, foi um dos dias que foi mais difícil para mim, naquele dia eu pensei em desistir.

Aisha, ao mesmo tempo que disse nunca ter pensado em desistir, sentia-se bastante preocupada com os esforços feitos por sua mãe para que ela permanecesse no curso. Ainda relatou uma situação em que, após obter notas baixas em avaliações, questionou se a mãe queria que ela desistisse do curso:

[...] porque, querendo ou não, eu sei o esforço que ela tá fazendo para me manter aqui, então seria muito injusto, tipo assim, eu tirar notas ruins ou eu passar arrastada, então eu já cheguei a perguntar para ela se ela queria que eu desistisse, entendeu, não por mim, mas por ela porque eu sei do sacrifício que ela tá tendo para me manter aqui, aí do nada... Ela criou uma expectativa em relação a isso, então aí do nada, não supro aquela expectativa que, tipo assim, ela nunca me falou nada, mas é algo que eu tenho em mim, entendeu, é só nesse sentido assim.

Neuza pensou em trancar o curso quando ficou responsável pelos cuidados com a mãe adoentada durante a pandemia. Também pensou em desistir ao enfrentar uma situação constrangedora com uma professora durante o período de aulas remotas:

Eu falei para uma professora que eu não tava conseguindo enxergar o slide [...], eu já monitorando cá no meu computador, eu não conseguia ter uma visão legal, e aí ela falou assim para mim: 'Mas você não ouve não? Então você ouve. Só prestar atenção no que eu estou falando', quer dizer, me tirando o direito de enxergar, de ver o que eu queria ver. Ali aquilo ali, poxa... eu saí arrasada, não tive nem palavras.

Anache e Cavalcante (2018) discutem que, ainda que haja movimentos de cunho nacional que incentivem o acesso e permanência de estudantes com deficiência, ainda há barreiras na efetivação das práticas, sobretudo, no que diz respeito ao currículo, falta de recursos acessíveis e formação de profissionais que compreendam os recursos de acessibilidade como ferramenta essencial na democratização do aprendizado de tais estudantes para que as condições de permanência não se restrinjam aos esforços individuais e de colegas.

O Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) em seu Art. 3º discute alguns conceitos que são de suma importância para a discussão sobre a situação enfrentada por Neuza. Dentre eles o de acessibilidade que cita a possibilidade de autonomia na utilização de espaços, equipamentos urbanos, transporte, entre outros, com destaque para os sistemas e tecnologias, aspecto que não foi possibilitado para a entrevistada durante as aulas remotas. Bem como o conceito de barreiras atitudinais que se referem a atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades como as demais pessoas (BRASIL, 2015, p. 9). Foi exatamente o que fez a professora descrita na situação narrada por Neuza: criou uma barreira atitudinal ao colocar-se indisponível para resolver o problema da estudante, bastando apenas para isso aumentar o tamanho da letra nos slides, algo que não prejudicaria em nada a turma e a sua aula, mas que teria dado à Neuza a condição que precisava para participar melhor da aula.

Vale ressaltar que das primeiras idas de Neuza à universidade enquanto estudante e o estabelecimento das medidas de isolamento pela pandemia por COVID-19 se passou apenas uma semana, de modo que qualquer processo de vinculação com a instituição e colegas era incipiente. Como destaca González Velasco (2019), o início do percurso universitário é uma etapa fundamental na experiência de estudantes, onde as universidades esperam que quem ingressa se reconheça num novo modo de ser estudante, incorpore certas regras e ajuste a nova rotina com o calendário acadêmico. Em se tratando de uma estudante com deficiência, como a Neuza, os obstáculos da inserção se acentuam se não há na instituição os aparatos necessários para acolher suas necessidades.

Ainda que a permanência seja atravessada por situações das mais adversas, as estudantes constantemente buscavam estratégias que compensassem de alguma forma as dificuldades existentes no percurso acadêmico. Para contribuir com os custos mensais de

estudar em outra cidade e diante do desemprego do pai, Dandara encontrou nas suas habilidades, uma forma de tentar atravessar o momento difícil:

Eu sempre tento fazer alguma coisa pra vender, não é à toa que eu estou fazendo doce para vender na universidade e aí é uma forma de tentar me manter também, de tentar cobrir minhas despesas, fora os projetos que eu me envolvo pra poder também ter essa renda.

Eu tento fazer de tudo pra me virar, eu faço um cabelo, eu faço unha, o povo me chama de 'Dandara faz tudo' porque de tudo eu sei fazer, justamente para não ficar dependendo, esperando painho me mandar cem reais pra eu pagar uma conta, pra ele mandar cinquenta reais pra eu comprar meus produtos de higiene pessoal, então não, eu sempre tô comprando as minhas próprias coisas e pagando tudo certinho para justamente não ficar nesse impasse.

Para ela, essa é uma forma de "se desvincular um pouco dessa história de ficar na asa de pai e mãe porque eu tenho que aprender o que é a realidade da vida". Para a estudante, a questão financeira era o único aspecto que interferia na sua permanência já que em outras situações ela buscava saídas possíveis.

Neuza, diante da situação ocorrida com a professora e depois de receber apoio dos colegas, buscou o colegiado para relatar o ocorrido: "Aí eu disse 'não. Agora não desisto não, agora eu vou ver, se não se encaixar nas minhas condições, eu descarto", a partir daí, a situação com a professora melhorou e serviu como combustível para que ela passasse a buscar mais conhecimento, levantar discussões e ir em busca de mais direitos:

Quando eu vejo que não tá bom pra mim, eu comunico, converso com a coordenação, né, colocando a minha posição, 'e aí olha... É assim, assim e assim'. E aí já sei que se não aceitar que a gente vai para outros meios, sabe, mas eu tô fazendo valer não só o meu direito, mas o direito de todos ali dentro.

Assim, encorajada por seus colegas, Neuza buscou a instituição, o que certamente, permitiu-lhe saber da existência do Núcleo de Políticas de Inclusão (NUPI) da UFRB que visa assegurar condições de acessibilidade e atendimento adequado aos estudantes com deficiência ou com necessidades educacionais específicas através de programas e ações de apoio acadêmico como o Estudante Apoiador (estudante-bolsista que acompanha o estudante com deficiência) e intérpretes da língua brasileira de sinais (LIBRAS), que acompanham os estudantes nas aulas.

Para lidar com as dificuldades de locomoção ao retornar para as aulas presenciais, Aisha buscou organizar sua grade de horários de modo que aulas remotas e presenciais ocorressem de forma alternada para que ela não precisasse ir muitas vezes na semana ao *campus*:

Eu tenho ansiedade, então às vezes eu ainda fico com essa 'não vou dar conta, eu não vou conseguir. Isso não tá certo, meu Deus, pra que eu peguei esse tanto de componente? Eu não vou dar conta.' - "De certa forma foi bom eu ter pegado uma grade tanto no presencial quanto no EAD porque senão eu ia estar doidinha já tá tão... Horrível, assim.

Ainda são incipientes os estudos que mostram o impacto da pandemia nas condições de permanência de estudantes na universidade a partir do retorno das aulas na modalidade presencial. O que é possível perceber no que disseram as entrevistadas é que, ao mesmo tempo, que o retorno apresentou aspectos positivos como a ruptura com o ensino exclusivamente remoto e a retomada gradativa do convívio social, tal retomada acontece com entraves, sobretudo, no aspecto financeiro e de moradia, entraves que podem prejudicar a intenção de continuidade da graduação em alguns momentos.

O que faz permanecer

Diante do cenário de desigualdade econômica existente no Brasil, o auxílio financeiro pode se constituir como um aspecto de suma importância para a permanência de estudantes de camadas populares na universidade. Em vários momentos, as estudantes entrevistadas destacaram o fato de que receberem mensalmente alguma bolsa contribui para a manutenção de despesas. Para Luana, se a bolsa-permanência não se constituísse como uma contribuição essencial, ela não estaria mais na universidade:

Tem a bolsa PPQ que eu paro e falo assim: 'não. É.. Se acaso eu sair do trabalho agora, eu tenho essa bolsa, posso escolher entre uma coisa e outra, mas essa bolsa eu não posso perder'. Ela [a universidade] também me cobra, né? Preciso seguir alguns parâmetros pra poder me manter nela. Ai... mas até então, assim, o máximo é a bolsa.

Dandara também contou que, além da bolsa PPQ, a participação num projeto de extensão garantiu a ela uma bolsa do PIBEX e ambas interferiram na diminuição da intenção de desistência diante do desemprego familiar. Sendo assim, é possível reforçar que a

concessão de bolsas é um aspecto essencial na continuidade dos setores populares na universidade.

Há ainda aspectos de outras ordens que contribuem para permanência das estudantes entrevistadas mesmo em meio a tantas situações que trazem à tona a vontade de desistir. Núbia contou que persistia no curso pela certeza na escolha que ela fez pela Psicologia, enquanto Luana declarou que só escolheu a Nutrição por acaso, acrescentou que segue em frente porque aprendeu a gostar da área com o passar dos semestres.

Neuza e Aisha queriam conhecer mais o curso que faziam e viam a perspectiva de passar para o segundo ciclo da formação como algo que vai impulsioná-las seguir adiante. Núbia disse ter certeza de que, quanto mais ela conhecia sobre a Psicologia mais ela tinha a vontade de impactar a vida de outras pessoas, como ela acreditava que foi impactada ao conhecer o curso.

Mesmo com os desafios da trajetória universitária, por vezes, ela não acreditava que que vivenciou tantas novidades; contou como a participação nas discussões promovidas pela universidade lhe despertou a vontade de se envolver em projetos e potencializou as percepções de si mesma:

Eu consigo ver em mim a potência e eu, eu tenho a certeza, a plena certeza de que eu só estou no lugar que eu estou hoje porque eu estudei na UFRB, né, porque fora eu não teria acesso a essas discussões, eu não veria certas coisas, eu não saberia certas coisas, sabe, eu não teria compreendido tantas coisas que eu compreendo hoje.

Neuza também tinha percebido em si mesma mudanças na forma de perceber e interpretar alguns aspectos da sociedade:

Hoje, dentro da faculdade, a gente tem uma visão mais ampla, né, a gente passa a ser, passa a desconstruir, né, e aprender outras coisas, desaprender daquilo que a sociedade nos impõe para a gente viver uma outra realidade do que realmente é, não romantizando, não colocando florzinhas, né, coraçõezinhos, mas realmente a realidade daquilo ali, então acho que a faculdade hoje tá abrindo novos horizontes pra mim.

E é a partir desta abertura de horizontes e de situações vivenciadas que Neuza foi, incentivada e apoiada por colegas, realizando ações e participando de discussões que lhe possibilitaram conhecer as políticas de inclusão da universidade, mas que ainda demandam a

necessidade de mudanças na instituição, o que contribuiu para uma maior sensação de pertencimento e da intenção de permanecer.

Eu consegui agora um monitor para me ajudar, né, nas atividades, em relação, também, agora vai ser sinalizado, né, as escadas vão ter sinalizações... Que mais... No quadro de avisos também, né, já vai estar tudo já bem organizado pra gente [...], os professores já estão com consciência, já trazem o material já preparado para aula e essa inclusão tá sendo bem visível, não é assim o material separado, sabe, 'o dela é esse e o da turma é esse', não, já traz prontinho que é para todo mundo ficar ali satisfeito [...] aí eu tô gostando muito.

Tal aspecto se alinha com o que o estatuto da pessoa com deficiência define como comunicação, uma forma de interação que possa permitir a visualização de textos, sistemas de sinalização, comunicação tátil, caracteres ampliados, dispositivos multimídia, linguagem oral e escrita, de modo a tornar mais acessível o consumo dos conteúdos pelas pessoas com deficiência (BRASIL, 2015, p. 10). Neuza, ao citar a importância de ter um estudante apoiador a acompanhando nas atividades, acabou por destacar a relevância dessa ação do NUPI/UFRB como uma forma de viabilizar sua permanência.

Dandara também almejava conquistar seu próprio espaço ao chegar a posições e lugares sociais não ainda não alcançados pela sua família até então, servindo de exemplo para ela:

[...] De qualquer forma eu quero conquistar mesmo os meus espaços, que agora eu entendo que esses espaços também são meus, né, se você parar bem para olhar a minha família, as mulheres pretas não são graduadas, né, malmente terminaram o ensino médio, então eu tô aqui no ensino superior e isso me motiva a continuar e a incentivar os meus primos também, os meus primos mais novos para poder acessar esse local e buscar estudo, e também ter a qualidade de vida que eu pretendo ter.

Como aponta Reis (2013, p. 184), a entrada de alguém na universidade pode acabar por influenciar positivamente outras pessoas da mesma família a vislumbrarem um caminho possível para ingressarem também. Para a autora, isso causa uma sensação de existir na outra pessoa, de se perceber como participante desta realização, podendo considerar que não somente quem ingressa pode se transformar como também transforma a realidade social e familiar em que se insere.

Tal perspectiva está de acordo com a visão de Aisha quando ela comentou que "muita gente tem vontade de estar no lugar que a gente está porque acho que, tipo assim, querendo ou não é um lugar de privilégio você tá numa universidade, hoje em dia você vê a pessoa que vem de baixo e não tem, que é cotista, principalmente os cotistas".

Algo que contribuiu para a continuidade de Luana na universidade foi provar para as pessoas do seu entorno que ela conseguiu acessar a universidade e ir cada vez mais longe:

Eu sou ousada, talvez isso seja até o que me mova [risos]. Porque toda vez que falam assim: 'você não vai conseguir, você não é pra ter isso', eu fico com aquilo na mente e falo "mas por que não?", eu fico me questionando, então no momento é ruim, é chato, causa uma ansiedade, uns sentimentos bem ruins, mas, no fundo, no fundo, no fundo, eu consigo enxergar aquilo como um 'não, eu vou provar pra você que eu consigo sim, posso demorar, posso... mas eu vou conseguir sim'.

Para Núbia, Dandara e Neuza o desejo de continuar no curso foi potencializado pela participação de outras pessoas, seja a família, colegas, corpo docente e equipe de terceirizados da instituição. Neuza ensinou e aprendeu com colegas a todo momento e tal parceria contribuiu para o clima de comunidade na turma:

Eles estão me ensinando muito, eu acredito que eu também tô ensinando muito para eles e hoje eu vejo colegas assim sensíveis, né, tipo, eles não deixam a cadeira assim, a cadeira perdida, eles sempre tão colocando assim no cantinho, se tem algum fio do projetor assim no meio do caminho eles vão lá e tira, entendeu, estão sempre com aquele cuidadinho comigo, eu fico feliz, sabe, que eu tô vendo que tá valendo a pena tá ali dentro.

Com a equipe do CCS não tem sido diferente:

Também tem os funcionários, né, tem as meninas da limpeza que já me orienta, um já me ajuda, eu tô vendo também que quando tem alguma notícia pra colocar lá no mural as letras já estão vindo maiores, né, que já tá dando para ver, tudo isso, eu tô fazendo valer a estadia ali, não vai ser para sempre, mas eu vou deixar ali um legado de superação, de valer a pena. Vale a pena.

Núbia também expressou entusiasmo ao dizer que sua turma lhe forneceu suporte sempre que ela teve alguma dificuldade ou questão e contou com a acolhida coletiva para seguir adiante. Também foram algumas professoras da instituição que lhe deram apoio

emocional, e até mesmo financeiro, nos momentos em que continuar não lhe era mais uma opção:

A professora X falou uma frase que eu uso até hoje, ela disse: 'olha, se você está confusa não é momento de tomar decisão' e aquilo pra mim foi muito importante. Se eu não tivesse ouvido aquela frase, talvez eu tivesse desistido, e eu realmente tava confusa e no meio da minha confusão eu ia desistir, sabe? E aquela frase dela me fez permanecer e não o que elas [esta e outra professora] falaram, mas o que elas fizeram, sabe? A sensibilidade, sabe? De me perceber que eu não estava bem, de perceber que eu não estava mais sorrindo.

Dandara buscou em docentes a referência que ela precisava para compreender melhor a trajetória universitária e teve um retorno positivo sobre quais projetos se envolver para construir percepções mais enriquecidas sobre o próprio curso e se candidatar para bolsas. Ela, assim como Núbia, também não via a possibilidade de continuidade se não fosse o apoio familiar:

Eu nunca tive problema em querer desistir e não permanecer porque eu sempre tive pessoas que me apoiaram, né, pessoas que eu realmente confio que são os meus pais, então, eu sempre tive ali alguém pra incentivar, pra falar "não tá bom você tá longe, mas está estudando e é isso que importa" sabe, então pra mim foi muito importante isso.

Núbia acreditava que de nada valeria ter maior suporte material se não tivesse o apoio das pessoas do seu convívio:

Para mim, o financeiro dificulta a permanência por conta de tantas questões, mas não é só o financeiro que facilita para mim, sabe, porque talvez se eu tivesse estabilidade financeira e não tivesse esse apoio não valeria de nada, entende? Então, assim, para mim, essa rede de apoio faz toda diferença de verdade.

O desejo de concluir o curso também surgiu como um aspecto central na permanência das estudantes. A expectativa de se formar, ter o diploma de ensino superior ou atuar na profissão escolhida são aspectos essenciais presentes no cotidiano de quem já enfrenta tantos obstáculos para concluir cada semestre. Dandara contou do seu carinho pelo Centro de Ciências da Saúde, considerava a universidade muito boa e disse que, ainda que não conseguisse concluir os ciclos dentro do tempo esperado na divisão curricular, queria aproveitar cada etapa e vivenciaria as outras atividades que o *campus* tem para oferecer.

Concluir o curso também estava relacionado à atuação profissional e isso significava, para Dandara e Aisha, uma oportunidade de contribuir para melhores condições de vida para as suas famílias e retribuir, de alguma forma, todo o apoio que receberam durante a estada universitária, aspecto que também favoreceu suas permanências no curso. Na fala de Dandara,

Porque tanto esforço que tiveram ainda pra me manter aqui vou retribuir de alguma forma, não sei como, mas vou retribuir de alguma forma, né, então essa motivação deles me apoiarem me faz querer continuar pra poder querer dar algo melhor, então sempre pensei nisso, vou dar algo melhor para eles, não sei quando, mas eu vou dar algo melhor pra eles.

Aisha também relatou

[...]Querer mudar a realidade da minha família, porque minha mãe não teve estudo, meu pai não teve estudo, por causa das humilhações que eu vejo eles passando, de mudar a realidade da minha família, por essa questão. Então, tipo assim, eu tenho que... por mais que esteja difícil, por mais que eu esteja surtando, que esteja complicado, eu tenho que ir porque eu tenho que melhorar.

É na universidade que muitas famílias depositam suas perspectivas de um futuro diferente das gerações anteriores, e, para isso, muitas vezes dedicam anos de esforços financeiros e emocionais para que tais estudantes permaneçam no curso (Schuh 2017). Sobretudo, nas falas de Aisha e Dandara, recém-saídas do ensino médio e que contavam com os pais para custear maior parte das suas despesas, fica evidente esse lugar de conquista e de querer proporcionar um maior conforto material para a família a partir de suas atuações profissionais.

Diante do rompimento de barreiras sociais e institucionais e a partir da expectativa de produzir novas realidades a partir da formação, Neuza deixou um recado: "Se eu já cheguei até aqui, eu vou chegar até o final. Não importa o que eu tenho que enfrentar até lá, eu já cheguei no meio, pra desistir aqui, não desisto de jeito nenhum!".

Considerações Finais

A pesquisa permitiu perceber que intenções de desistência e permanência podem se entrelaçar a todo momento durante a trajetória de estudantes num curso universitário. Mesmo as estudantes que disseram nunca ter pensado em interromper a formação, em algum momento, durante suas falas, descreveram situações em que desistir pareceu uma opção, o

que nos permite pensar que, a intenção de permanecer foi, muitas vezes, atravessada por questões que as fizeram considerar a desistência como uma possibilidade. Desse modo, ambas, permanência/desistência, apareceram como dimensões do mesmo fenômeno: a trajetória acadêmica estudantil.

Quando este trabalho foi delineado, para além da compreensão dos obstáculos que interferiam na permanência das estudantes, o interesse foi encontrar onde residia os motivos, os sentidos necessários para seguir adiante. E foi possível observar que foram questões de ordem tanto institucionais quanto pessoais. Se as bolsas-auxílios recebidas pelas entrevistadas contribuíram para a diminuição dos desafios enfrentados pela falta de recursos materiais, elas não foram o suficiente. Os incentivos para seguir moraram também na certeza da escolha do curso, no aproveitamento do que estava sendo aprendido e no anseio de devolver, para a família e a comunidade, aquilo que aprenderam; no amparo de colegas, docentes e equipe de terceirizados, que contribuem cotidianamente para o funcionamento do CCS.

As participantes foram movidas também pela busca pelos próprios espaços, para provar para si e para outras pessoas que conseguiriam alcançar seu objetivo e pela expectativa de chegar até o final dos ciclos. Para algumas estudantes, o seguir em frente esteve diretamente alinhado com a finalização do curso e a expectativa de, a partir da formação, proporcionar melhores condições de vida para si e para a família, como retorno ao apoio emocional e financeiro proporcionado por ela durante os anos de graduação.

Permanecer não foi, pois, uma questão somente da estudante em si, foi também uma questão institucional e coletiva. Destacou-se assim a importância de ações institucionais que foram além do apoio financeiro, mas também relacionais e afetivas. Isto remete à importância da universidade se ocupar não somente com a recepção aos estudantes ingressantes durante as primeiras semanas de aula como também com a promoção de espaços de troca deles entre si, mas também com docentes, técnicos-administrativo, trabalhadores terceirizados durante todo o percurso da estada no curso, contribuindo assim para a construção de uma permanência de qualidade, que garanta a presença de diversidade de atores com diferentes características sociais de forma a minimizar possíveis lógicas homogeneizantes de lidar com a permanência.

Vale ressaltar também que novos desafios serão encarados uma vez que é possível que os cortes orçamentários enfrentados pelas universidades públicas brasileiras nos últimos anos e, quiçá, nos que virão, impactem no repasse de auxílios financeiros para estudantes de

baixa renda, o que será um aspecto de forte influência na permanência de tais grupos e que exigirá das universidades públicas a criação de políticas de acolhimento e permanência para além das bolsas-auxílios.

Como diz Leite (2016), um curso universitário e as marcas que ele deixa em cada estudante é muito maior do que aquilo que aparece nos currículos, nos programas e ementas das disciplinas. Para algumas pessoas, permanecer na universidade está além da transição de semestres e do conteúdo aprendido em cada um deles, é muitas vezes carregar consigo, incessantemente, a história de todos/as/es aqueles/as que não conseguiram alcançar o ensino superior, uma luta diária para ocupar um espaço onde, até pouco tempo atrás, tais presenças eram tidas como "desviantes".

O percurso ainda é longo para que discentes de camadas populares se insiram no ensino superior e nele permaneçam com qualidade e, para ajudar a viabilizar a continuidade e conclusão da sua trajetória acadêmica, é importante conhecer os aspectos e estratégias que os estudantes validam para se fazer presente na universidade.

Referências

ANACHE, Alexandra Ayach; CAVALCANTE, Lysa Duarte. Análise das condições de permanência do estudante com deficiência na Educação Superior. **Psicologia Escolar e Educacional**, número especial, p. 115-125, 2018.

BIZERRIL, Marcelo Ximenes A. O processo de expansão e interiorização das universidades federais brasileiras e seus desdobramentos. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 13, n. 32, jan/dez, 2020.

BRASIL. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Ministério da Educação, Brasília, DF, 19 jul. 2010. Disponível em: https://planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm. Acesso em: 28 fev. 2022.

BRASIL. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. ANDIFES. V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) graduandos (as) das IFES, 2018.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm.

CACETE, Núria Hanglei. Breve história do ensino superior brasileiro e da formação de professores para a escola secundária. **Educação e Pesquisa**, v. 40, p. 1061-1076, out/dez, 2014.

CERVINSKI, Luciane Fátima; ENRICHONE, Jacqueline Raquel B. Percepção de calouros universitários sobre o processo de adaptação ao sair da casa dos pais. **Perspectiva**, v. 36, n. 136, p. 101-110, dez, 2012.

COULON, Alain. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. EDUFBA, 2008.

FIOREZE, Cristina; STACHELSKI, Eduarda; RIBEIRO, Silvana. "Para minha família sempre serei lembrado": reflexões sobre a realidade dos estudantes de primeira geração. **Vivências**, v.18, n. 35, p. 89-104, 2022.

GANAM, Eliana Almeida Soares; PINEZI, Ana Keila Mosca. Desafios da permanência estudantil universitária: um estudo sobre a trajetória de estudantes atendidos por programas de assistência estudantil. **Educação em Revista**, v. 37, p. 1-18, 2021.

GONZÁLEZ VELASCO, Carolina. Sobre la expresión "los inicios". In: MANCOVSKY, Viviana; MÁS ROCHA, Stella Maris (ed.). **Por una pedagogía de "los inicios"**: mas allá del ingreso a la vida universitaria. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblos, 2019, p.19-24.

JESUS, Jaqueline Gomes. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos: guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília, 2012.

JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira; NASCIMENTO, Cláudio Orlando Costa. A 'condição de estudante' e a experiência de acesso e permanência qualificada na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. **Política e Trabalho**, n. 33, p. 117-129, out. 2010.

LEITE, Rita de Cássia Nascimento. **A formação de si (Bildung) do estudante universitário**. 2016. 202 p. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

MANCOVSKY, Viviana; MÁS ROCHA, Stella Maris. Los inicios a la vida universitaria: un encuentro posible de intereses comunes. Em: MANCOVSKY, Viviana; MÁS ROCHA, Stella Maris (ed.). **Por una pedagogía de "los inicios"**: más allá del ingreso a la vida universitaria. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblos, 2019, p.11-17.

MEJÍAS SANDIA, Carlos. Formación identitaria como eje articulador de permanencia y éxito académico de estudiantes de educación superior. **Interações**, v. 17, p. 475-486, jul/set, 2016.

MENDES, Maíra Tavares. Crítica ao conceito de afiliação de Alain Coulon: implicações para a permanência estudantil. **Educação em Revista**, v. 36, 2020.

MICHELOTTO, Regina Maria; COELHO, Rúbia Helena; ZAINKO, Maria Amélia Sabbag. A política de expansão da educação superior e a proposta de reforma universitária do governo Lula. **Educar**, v. 28, p. 179-198, 2006.

NUNES, Roseli Souza R. VELOSO, Tereza Christina Mertens A. A permanência na educação superior: múltiplos olhares. **Educação e Fronteira On-Line**, v. 6, n. 16, p. 48-63, jan/abr, 2016.

PEREIRA, Thiago Ingrassia; REIS, Kelly Cristina. Estudo da evasão universitária em contextos emergentes: desafios à permanência estudantil. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 33, p. 209-225, jan/jul, 2020.

REIS, Dyane Brito. Continuar ou desistir? Reflexões sobre as questões de permanência de estudantes negros na UFRB. In: SANTOS, Georgina Gonçalves; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha (Orgs.). **Observatório da Vida Estudantil**: Universidade, responsabilidade social e juventude. EDUFBA, 2013, p. 179-195.

REIS, Dyane Brito; TENÓRIO, Robinson Moreira. Políticas públicas de acesso e permanência da população negra no ensino superior: um debate em curso. **Cadernos ANPAE**, v.8, 2009.

SCHUH, Malu Santarem. **A trajetória da primeira geração da família na universidade**: contribuições acerca da formação acadêmica na PUCRS. 2017. 131 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SOUZA, Greyssy Kelly Araujo de Souza; SANTOS, Dyane Brito Reis. Da afiliação à permanência: o protagonismo da iniciação científica. In: SANTOS, Georgina Gonçalves; VASCONCELOS, Letícia; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha (Orgs.). **Observatório da Vida Estudantil**: Dez anos de estudo sobre vida e cultura universitária: percurso e novas perspectivas. EDUFBA, 2017, p. 153-171.

SOUZA, Rafael Cipriano; COSTA, Maria Aparecida Tenório Salvador. Monitoramento e avaliação de assistência ao estudante universitário: o caso do Programa de Residência Universitária da Universidade Federal Rural de Pernambuco. **Revista Ensaio: avaliação em políticas públicas em educação**, v. 28, p. 362-385, abr/jun, 2020.

TEIXEIRA, Marco Antônio P; DIAS, Ana Cristina Garcia D; Wottrich, Shana H; OLIVEIRA, Adriano Machado. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 12, n. 1, jan/jun, 2008.

TEIXEIRA, Rosa Helena Ribeiro. **O programa universidade para todos (UPT)**: aproximações com o cursinho pré-enem do Governo do Estado da Bahia (2004-2018). 2018. 76 p. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

THOMAZ, Patricia Ester; ROCHA, Luciano Baracho; NETO, Vicente Machado. Estresse em estudantes de engenharia. **Momento - Diálogos em Educação**, v. 20, p. 73-86, 2011.